

GILLETTE BORGONHA — ATO 2

Borgonha — França
ATO 2 — O retorno de Sabine

As histórias nunca são as mesmas, porque os momentos em que elas se encontram nunca são os mesmos. Os lugares mudam. As estações mudam. As pessoas mudam. E, quando as mulheres cruzam o caminho delas, a previsão perde todo o valor.

Contei esta história algum tempo atrás. Hoje quero contá-la de novo com mais intensidade, quase como uma conversa comigo mesmo—um chamado da memória, uma voz que continua batendo à porta do tempo, me lembrando não só do que foi, mas talvez do que ainda possa ser.

ATO 2 — O RETORNO DE SABINE

Passei meus primeiros dias reorganizando a propriedade.

Alguns funcionários queriam negociar.

Outros queriam explicar como as coisas sempre tinham sido feitas.

Uns poucos acreditavam que a tradição, por si só, era um argumento.

Escutei.

Depois decidi.

Eu não tinha a menor intenção de renegociar salários, privilégios ou velhos hábitos. Quem quisesse ficar era bem-vindo. Quem quisesse ir embora recebia um aperto de mão e um sorriso.

Sem ressentimento.

Eu tinha aprendido havia muito tempo que certos hábitos raramente mudam.

São substituídos.

Então comecei a montar uma nova equipe.

Gente responsável.

Gente que não precisava de supervisão a cada hora do dia.

Minha filosofia era simples:

não mandar.

Criar responsabilidade.

As semanas passavam devagar, medidas pelo ritmo dos vinhedos e do vento que corria pelas colinas da Borgonha.

Pensei ter enfim encontrado uma paz que eu já nem procurava.

Então, uma tarde, um carro italiano apareceu na entrada da propriedade.

De longe, vi descerem uma mulher e um rapaz.

Procuravam alguém.

Falavam animadamente com um dos trabalhadores, que não entendia uma única palavra de italiano. Repetiam um nome sem parar.

O meu nome.

Eu me aproximei a cavalo.

E o tempo parou.

Era Sabine.

Ela não precisou falar.

Não precisou se apresentar.

Certos rostos ficam gravados na memória mais fundo do que fotografias.

Você os reconhece na hora.

Mesmo depois de décadas.

Por um instante, voltei a ser jovem.

Não o jovem das fotos antigas.

Não o jovem dos documentos oficiais.

O jovem dos sonhos.

Dos erros.

Das promessas inacabadas.

Meu coração começou a bater com uma força que eu julgava perdida havia muito tempo.

Desci do cavalo fingindo calma.

Ela sorriu.

O mesmo sorriso.

A mesma luz nos olhos.

O tempo tinha acrescentado elegância, não distância.

Ao lado dela estava um rapaz que ela apresentou como seu sobrinho.

Eu o examinei com atenção.

Havia algo de perturbador na semelhança.

Os mesmos olhos.

A mesma expressão.

A mesma doçura teimosa.

Sabine me olhou do jeito que se olha para alguém que nunca saiu de verdade da vida da gente.

Não havia constrangimento.

Nem explicações.

Só o peso silencioso de tudo o que nunca tínhamos vivido.

Caminhamos entre as videiras.

Falamos do passado como se fala de uma casa velha ainda habitada por lembranças. Perguntei como ela tinha conseguido me encontrar.

Ela riu.

Uma risada de que eu me lembrava perfeitamente.

“Culpa sua.”

“Minha?”

“É. Você sempre escreveu tudo. O que não conseguia dizer às pessoas diretamente, você dizia ao mundo pelos seus livros. Segui as suas palavras durante anos. Cada página deixava mais uma pista. Eu sabia que, mais cedo ou mais tarde, ia encontrar você.”

Fiquei em silêncio.

Porque ela tinha razão.

E naquele momento entendi uma coisa.

Ela não tinha chegado por acaso.

E talvez eu também não.

Às vezes a vida leva décadas para terminar uma frase interrompida muito tempo atrás.

Ferdinando